

Bancos ficaram mais ricos e fortes

Quando a crise da dívida externa começou, muitos bancos americanos se viram diante da possibilidade da quebra, no caso de algum dos principais países devedores da América Latina resolver radicalizar e renunciar os débitos. Países como o Brasil e o México mergulhavam num abismo econômico, mas seus governantes sentiam nas mãos a virtual capacidade de destruir o sistema financeiro americano e, por extensão, o mundo capitalista.

Os devedores, porém, falaram, argumentaram, fizeram ameaças veladas, mas se comportaram docilmente. Os credores, enquanto isso, foram mais práticos, tomando precauções, que reduziam gradualmente sua vulnerabilidade aos débitos duvidosos. Hoje, as autoridades que regulamentam a área bancária dos Estados Unidos calculam que os nove maiores bancos americanos já estão imunes ao pior cenário que se vislumbra para a atual

crise — o calote latino-americano. Há quem duvide que isso seja verdade.

Mas, ainda que as dívidas estejam presentes, o certo é que os bancos ficaram mais fortes e mais ricos, nestes anos de crise, enquanto os países devedores ficaram mais fracos e mais pobres. As carteiras de empréstimos dos bancos americanos aos países em desenvolvimento totalizavam 102 bilhões de dólares no início da crise e de lá para cá caíram em 21 bilhões (são hoje 81 bilhões de dólares). O capital dos bancos vinculado a esses empréstimos duplicou, passando de 58 bilhões para 117 bilhões, reduzindo, assim, enormemente, a vulnerabilidade dos bancos à inadimplência.

A América Latina continua sendo o principal devedor dos bancos americanos, representando 75% da carteira global, mas o total dos empréstimos à região diminuiu de 84 bilhões de dólares para 70 bilhões, apesar dos reesca-

lonamentos e rolagens, nestes seis anos de crise.

Toda essa evolução está se dando graças à fidelidade dos países devedores ao sistema financeiro internacional. Mesmo diante da negativa inflexível dos bancos comerciais de reiniciar os empréstimos para os países devedores, estes vêm fazendo os maiores sacrifícios para mandar divisas aos credores. Por isso mesmo, os bancos comerciais americanos tiveram, no ano passado, 18 bilhões de dólares de lucro líquido, o maior de toda a história.

Para o governo do presidente Reagan, que deixa o poder no dia 20, porém, a crise da dívida não chega a empanar os enormes êxitos econômicos. A crise deu, até agora, ao governo e aos bancos americanos o sabor de pelo menos uma vitória. A vitória de ter evitado a quebra do sistema financeiro, que os mais pessimistas chegaram a prever em 1982. (R.C.A.)